

A EUROPA DE ENZENSBERGER

ENTREVISTA DE HANS MAGNUS ENZENSBERGER A MARTIN CHALMERS E ROBERT LUMLEY*

Tradução: Otacílio F. Nunes Jr.

Martin Chalmers: *Gostaríamos de começar com A Outra Europa¹. Podemos tomar vários caminhos a partir desse livro, mas estamos interessados antes de mais nada em como ele surgiu.*

Tenho um amigo na Suécia que é editor chefe do maior jornal diário de lá, e como tenho uma velha ligação com a Escandinávia — morei na Noruega durante muitos anos —, ele me perguntou se eu gostaria de escrever sobre as eleições na Suécia. Isso foi em 1981. Portanto o projeto começou por acaso. Não sou jornalista profissional, e nunca fui. Descobri que não estava realmente muito interessado nas eleições suecas; em vez disso, escrevi esse texto um tanto prolixo sobre a Suécia, que o jornal publicou em partes. Passar por jornalista acabou sendo uma experiência interessante. Se você aborda as pessoas e diz que representa a mídia, imediatamente elas tomarão isso como garantido e aceitarão qualquer pergunta que você lhes faça. Fiquei surpreso em descobrir que as pessoas realmente não ligam para a intromissão, as perguntas. Rapidamente, desenvolvi duas atitudes ou posturas básicas, que se mostraram muito liberadoras. Por um lado, adotei uma posição de grande ignorância, exatamente como se fosse um visitante no Tibete. Quanto menos você sabe, mais as pessoas têm para lhe contar. Esse foi um aspecto. O outro foi a mudança de perspectiva resultante de ter de adotar o ponto de vista das pessoas com quem você fala. Experimentalmente, você se põe no lugar delas. É o que os antropólogos chamam de "observação participante". Foi por isso que deixei de lado as pessoas influentes. Nunca solicitei uma entrevista a um primeiro-ministro. Também decidi desde o começo do projeto deixar de lado os países grandes. Eles representam a perspectiva do poder, da centralidade. Em vez disso, escolhi deliberadamente algumas perspectivas periféricas.

(*) Esta entrevista foi realizada em Londres, no dia 18 de setembro de 1989, e publicada na *New Left Review* nº 178, novembro/dezembro de 1989.

(1) Este é o título da edição brasileira de *Ach Europa*, publicado em 1989 pela Cia. das Letras, com tradução de Isabela Kestler. (N. do T.)

Robert Lumley: *Todo projeto é uma combinação de cálculo e sorte. Você começou com um convite inesperado. Como é que um texto se tornou um projeto?*

O componente de sorte é extraordinário porque cada pessoa que você encontra o porá em contato com mais alguém. É como um colar de margaridas. Você tem de ter muita mobilidade. Se persistir nesse método, acaba aterrissando em

lugares que de outro modo nunca teria visto. Mas então, depois que o trabalho de campo está feito, você começa a pensar a respeito dele. E nesse momento você tem de se haver com sua bagagem conceitual. A ignorância que fingiu ter tem de ser informada por muito conhecimento prévio. Isso significa, antes de mais nada, cavar na história do lugar que você está investigando. Essa dialética de ignorância e conhecimento faz parte da brincadeira. No final, naturalmente, ficou claro que meu assunto não era exatamente a Suécia. Então decidi ir adiante.

MC: Parte dessa *bagagem intelectual, no sentido positivo, foram supostamente as idéias presentes nos ensaios reunidos em Political Crumbs*².

Sim, esse foi um primeiro passo sem o qual eu não teria estado pronto para assumir o projeto. Trinta anos de escritos opiniáticos condicionam a gente. Foi um processo muito doloroso.

(2) Este livro será publicado pela editora Verso, de Londres, em 1990. Não existe edição brasileira. (N. do T.)

MC: *Tanto em termos dos temas quanto da maneira como você escreveu os ensaios.*

Eu estava farto do ensaio tradicional tal como ele tinha existido na Alemanha. Significa ter uma tese, e tudo que você escreve consiste em evidência para sustentar sua tese, provando assim triunfalmente o que você queria dizer desde o começo. A longo prazo, isso se mostra muito aborrecido. Escrever deveria ser uma maneira de descobrir alguma coisa, não de provar o que já se sabe. A essência do que se diz e a forma como se escreve não podem ser separadas. Se escolher um argumento e uma forma de escrever lineares, você é responsável por eliminar as coisas que não se encaixam, e seus escritos tornam-se mais pobres porque a linearidade restringe sua liberdade. Ao passo que nesse jogo chamado "jornalismo", você está livre para usar diálogo, narrativa, citação, paradoxo e até um componente de ficção. Você não está limitado a escrever de maneira dissertativa.

MC: *À medida que o livro se desenvolveu você pensou que havia um custo no fato de excluir os países centrais, Inglaterra, França e Alemanha Ocidental?*

Acho que há um elemento de compensação envolvido, porque os países poderosos ocupam um espaço grande nas mentes das pessoas. Há pelo menos a ilusão de se ter um conhecimento anterior. Por exemplo, os alemães sempre estiveram preocupados com a França, e não teria sido possível apenas escrever 40 páginas sobre a França porque, antes de começar, seria necessário empreender a *démontage* das idéias preexistentes. Também sinto muito fortemente que os países pequenos estão sub-representados em nosso imaginário, assim como sua contribuição potencial para o futuro. Só porque você tem um Produto Interno Bruto maior, isso não quer dizer que você tem mais a oferecer à nossa civilização. De onde vieram Ibsen e Strindberg? De países pequenos. Nós todos somos provincianos. De onde vêm as energias criativas? Não necessariamente da sede do poder.

Essa noção deve ter algo a ver com o fato de eu ser alemão. A perspectiva central sempre foi muito forte na Alemanha. Nossa sociedade era hierárquica e, dada a posição geopolítica da Alemanha, a partir da época de Bismarck isso se engrenou com a lógica do poder, da grandeza e centralidade e levou diretamente aos nazistas. Era tentador reverter essa perspectiva. Em meu caso, houve também razões autobiográficas no fato de que eu sempre tive o hábito de visitar e viver

em países que eram "*outside*", "periféricos". Estive na Noruega, depois passei muito tempo na Itália, sem falar em Cuba e outros lugares.

MC: *É interessante que o ponto de partida do livro não foi, em primeira instância, um discurso para um público alemão, mas sim sueco. Os ensaios subsequentes também foram publicados nos países sobre os quais você escreveu.*

Isso aconteceu por acaso, mas depois do primeiro texto decidi continuar exatamente da mesma maneira. É bastante fácil falar a um público inglês sobre os bascos, ou a um público francês sobre os lituanos. Mas para falar aos lituanos sobre os lituanos, você tem de ser muito cuidadoso porque eles serão seus críticos mais áspers. Se trabalhar de um modo superficial, você será descoberto. Decidi que seria muito útil me submeter ao teste. Foi também uma maneira de obter retorno. O texto sobre a Hungria saiu numa publicação *samizdat* húngara, e eu obtive muitas reações. Houve objeções a algumas coisas, e eu tive condições de fazer algumas correções. Precisei mudar um pouco a ênfase em meu tratamento do anti-semitismo na Hungria, por exemplo. Também tive de clarificar algumas contradições dentro da oposição húngara, e assim por diante.

RL: *Você pode nos dar um exemplo de como, digamos, o artigo sobre a Suécia foi recebido? Obviamente um de seus temas são os estereótipos nacionais e como não podemos passar sem eles. Em que medida isso significou antecipar respostas e construí-las no texto?*

A publicação no país das pessoas sobre as quais você está falando empresta ao processo um grau maior de paixão, porque simplesmente não há possibilidade de neutralidade. Se lêem sobre si mesmas, as pessoas não podem reagir da forma como fariam se estivessem lendo sobre terceiros. Na verdade, a maioria das pessoas gosta de ouvir a respeito de como os outros as vêem, de modo que isso cria uma riqueza que é muito menos evidente em uma reportagem neutra. Às vezes você pode até produzir estragos. Por coincidência, talvez os suecos tenham sido as pessoas que foram apanhadas mais desprevenidas, e meu modesto artigo provocou um choque enorme. Houve debates públicos que continuaram durante meses. Isso não se deveu só a mim. O "modelo sueco" estava começando a desmoronar, os suecos estavam começando a duvidar de seus objetivos e ideais. Foi preciso apenas um pequeno acréscimo para precipitar toda uma onda de autoquestionamento. Muitas pessoas odiaram o artigo, mas se elas tivessem sido menos complacentes, menos presunçosas antes, talvez eu tivesse sido menos crítico. Sempre fui bem traduzido para o sueco, de modo que as pessoas tinham alguma idéia de quem estava fazendo as críticas. Estavam preparadas para ataques da direita, mas não de alguém como eu que tinha fama de radical.

Eu estava também extremamente interessado pela experiência espanhola. Havia estado na Espanha regularmente e acompanhado seu desenvolvimento desde os anos 50. Sua incrível transição da ditadura para uma democracia parlamentarista é um paradigma; foi estudada muito de perto pelos europeus orientais, que, talvez erroneamente, em alguns aspectos, tentaram adotá-la como um modelo para sua própria transição.

MC: *Em "Os cacos espanhóis" as comparações com a Alemanha, subjacentes à maior parte do livro, são explicitadas.*

Para mim, é muito difícil evitar isso. O texto sobre a Suécia, por exemplo, lida indiretamente com a social-democracia alemã. Não quero falar sobre minha

biografia, mas o simples fato de ter nascido em 1929 é praticamente determinante, falando em termos políticos. Como alguém que tinha dezessete anos no final da guerra, eu era quase obsessivo com as questões alemãs. Durante os primeiros dez ou quinze anos em que escrevi, estive mais ou menos obcecado por elas. *A Outra Europa* pode ser visto como uma tentativa de escapar das coisas alemãs. Afinal de contas, ser alemão não é uma definição apropriada de um escritor. Em algum momento você tem de se rebelar contra essa definição porque ela o limita e estreita sua mente.

MC: *No epílogo, o "problema alemão" sofre uma reviravolta e ganha um aspecto positivo. O jornalista escocês em Berlim se refere à normalidade histórica da Alemanha como uma colcha de retalhos, sendo esta um possível exemplo para uma Europa futura.*

Sendo um relato situado no futuro, ele tem de ser um pouco irônico. Foi por isso que escolhi como narrador um repórter fictício que não é europeu e sim americano. Consequentemente, ele tem o direito a uma certa dose de *ingenuidade*.

RL: *Fiquei muito interessado no que você falou sobre método, seu prazer e deleite inesperado em desempenhar o papel de jornalista. Me surpreendeu o fato de que talvez em um estágio anterior de seu trabalho, quando estava fortemente influenciado pelo marxismo, você tinha uma noção de aparência superficial e de realidade oculta. Aqui, entretanto, há muitas metáforas, como "fachada" e "ilusão", mas em vez de adotar uma abordagem óbvia: "Isto é como as coisas aparecem, mas isto é como elas realmente são", você diz em um momento que a superfície é verdadeira, e em outro, que ela mente. Você está continuamente atropelando expectativas com uma espécie de abordagem transversal. Essa foi uma estratégia consciente?*

Essa é uma das coisas que a literatura está equipada para fazer. Usei algo da minha experiência de escrever poesia, onde esse tipo de problema epistemológico surge. Ele se torna até um tema em meus poemas. Meu livro sobre a Europa pode ser visto também como uma tentativa de superar a divisão entre o artista ou poeta, e o intelectual que está trabalhando com conceitos. Dadas as circunstâncias na Alemanha no período pós-guerra, opiniões fortes eram vitais; era preciso intervir num sentido imediatamente político. Era um trabalho que tinha de ser feito. Mas o resultado é que eu também sofri, porque meu trabalho foi cortado em dois.

Na tradição marxista há alguns autores que se preocupam com esses problemas. Benjamin, por exemplo. Seu modo de decifrar as coisas, toda sua abordagem quase fenomenológica, sua transcendência da mera política. Certamente, seu marxismo foi sempre um tanto herético. Mas mesmo no próprio trabalho de Marx há algumas passagens maravilhosas, por exemplo quando ele analisa as formas da mercadoria.

MC: *A seção sobre o Anel Viário Lenin em Budapeste pode ser lida como uma homenagem a Benjamin.*

Sim, a passagem é uma alusão a ele.

MC: *Eu me lembro de um jornalista inglês, há cerca de dois anos, expressar seu desconforto com a maneira irrefletida como a oposição na Europa Oriental, em Budapeste por exemplo, falava sobre ser "europeu". Em Londres, ele obser-*

vava, essa inocência seria impossível por causa da importância, para a esquerda, da política voltada para as minorias raciais. Talvez um dos custos de evitar os centros metropolitanos como Londres e Paris seja que os problemas do eurocentrismo, da Europa no mundo, sejam menos visíveis.

Houve uma época em que eu estive muito envolvido com as questões do Terceiro Mundo. Passei muito tempo na América Latina. Como não falava chinês, eu não podia esperar entender muito sobre o que estava acontecendo na China, mas a América Latina fornecia um ponto de contato para pessoas como eu. Mas não vou medir as palavras. Eu me sinto derrotado. Quanto mais tentei me envolver politicamente com os problemas do Terceiro Mundo, mais me senti frustrado.

Penso que essa mesma declaração subjetiva pode ser refeita em termos mais gerais. O eurocentrismo é uma besta de muitas cabeças, e me parece que nos anos 60 a esquerda européia se entregou a sua própria forma de eurocentrismo. Ao esperar que o Terceiro Mundo surgisse com soluções para nossos problemas, por exemplo; ou vice-versa, a noção de que nós com nossos conceitos poderíamos ser úteis aos povos de lá. Eu mesmo decidi a certa altura ir a Cuba por um ano com a idéia um pouco inocente de fazer algo de útil por lá. Eu havia percebido que o serviço diplomático cubano era simplesmente muito desinformado. Eles desconheciam coisas básicas sobre os países para os quais eram enviados. Então sugeri a realização de um seminário para explicar os fundamentos (sistemas políticos, economias) sobre lugares da Europa a respeito dos quais eu podia lhes falar. Naturalmente não funcionou. À parte a anedota, não é claro o que você pode fazer se for, por exemplo, para o Peru. Quanto mais vou para lá, quanto mais tento entender, menos me sinto preparado para ser de alguma utilidade.

Tomemos as atitudes da esquerda européia em relação à Revolução Cultural na China, a Cuba ou ao Camboja; todas elas levaram a *débâcles* de um ou de outro tipo. Foram exemplos de incompetência, para dizer o mínimo, e algumas vezes de um comportamento muito dúbio de um ponto de vista moral. É merro derrotismo, então, o fato de algumas pessoas na nossa parte do mundo terem decidido que estão melhor preparadas para lidar com os seus problemas domésticos? Na Alemanha, por exemplo, o Terceiro Mundo está bem à nossa porta: milhões de turcos, centenas de milhares buscando asilo do Vietnã, do Sri Lanka, da Etiópia e assim por diante. Essa imigração, que deve crescer no futuro, coloca em xeque alguns de nossos pressupostos básicos. Mesmo supondo os melhores cenários possíveis, deve ocorrer um tumulto considerável. Não acredito nem por um momento em uma transição fácil para a "sociedade multicultural" do futuro. Trata-se de um paraíso de liberal tolo no qual todos gostam de comida exótica e pegam um bonito bronzado. As verdadeiras contradições não aparecem nessa utopia fácil. A extrema direita não demorará a explorá-las.

RL: *Em A Outra Europa o problema foi mencionado em "Cismas portuguesas" e na seção sobre os ciganos, no capítulo sobre a Hungria. Contudo, a questão da imigração não ocupa um lugar de destaque.*

Essa é uma crítica que pode ser feita do livro. O fenômeno é tão vasto e tão importante que deveria ter recebido mais espaço.

MC: *Você falou antes na ausência em nosso imaginário dos países aparentemente periféricos da Europa. No caso da Inglaterra e da Alemanha, há um sentido no qual ambos têm uma presença no imaginário um do outro, embora o relacionamento real entre eles seja surpreendentemente pequeno.*

Há muita desinformação. Talvez a maneira de lidar com esse tipo de questão fosse fazer um estudo dual. Seria interessante fazer um livro sobre a Alemanha e a Inglaterra, para jogá-las uma contra a outra. Não teria sido possível tratar disso em meu projeto. O porte de tal empreitada me amedronta um pouco. A história passada do relacionamento é longa e complexa. É também profundamente enraizada. As fantasias de Hitler sobre a Inglaterra, por exemplo, são fascinantes. Ele não podia chegar a acreditar que o povo inglês que ele admirava tanto se voltaria contra ele.

Por outro lado, há uma atitude inglesa instintiva, embutida na palavra "teutônico". Por definição, "qualquer coisa teutônica é algo que não queremos". Entretanto, mesmo o relacionamento franco-alemão não está resolvido. Os franceses são perseguidos pelos espectros alemães, e os alemães, muito mais do que admitem, são também muito reticentes em relação aos franceses. Esse é outro fenômeno que me chocou no projeto de *A Outra Europa*, a longevidade de tais modos de percepção. Você pode modificá-los ou atenuá-los, mas essas coisas nunca desaparecem inteiramente. Há metamorfoses, elas assumem formas diferentes — os franceses não estão preocupados com nosso exército, mas estão com o marco.

MC: *Entretanto, se nós tomarmos esse termo depreciativo "teutão" ou "teutônico" — embora ele tenha persistido, pareça de fato indispensável para a visão inglesa da Europa, não obstante ele se tornou corrente muito de repente. Pode-se datá-lo razoavelmente não apenas da Primeira Guerra Mundial, mas dos primeiros meses da guerra. Ele se tornou corrente muito repentinamente.*

Para os poetas românticos e Carlyle, a Alemanha tinha uma presença. Mas na última parte do século XIX, penso que a Inglaterra estava preocupada demais com seu próprio império para estar realmente interessada. Certamente, não havia o anticorpo "teutônico" lá. Apenas uma ausência de interesse.

MC: *Eles estavam mais preocupados com o urso russo.*

Eles tinham um império em suas mãos, o que é um passatempo que consome muito tempo. Requer muita energia.

MC: *Olhando o relacionamento do outro lado, então, depois da guerra a Inglaterra foi considerada como uma espécie de modelo de tolerância, de democracia parlamentar — de um Estado do Bem-Estar. Como é a Grã-Bretanha — a Inglaterra — percebida hoje?*

Penso que os alemães ainda retêm basicamente uma admiração quase primária pelos ingleses, e, como disse, os nazistas, bastante perversamente, partilhavam dela. Os alemães lidam com uma Inglaterra que provavelmente não existe. Uma Inglaterra de monarquia, a velha Inglaterra. Sabe Deus em que pode consistir isso. Por outro lado, a Inglaterra foi vista como uma nação declinante em termos políticos e econômicos. Eu me lembro de me perguntar: "Como pode um povo perder um império, sua própria auto-imagem, sua posição no mundo, de uma maneira relativamente tão pacífica?". Não estou esquecendo que houve episódios lamentáveis, como as guerras na Malásia e no Quênia. Mas, não obstante, eu me perguntava: "Como podem os ingleses enfrentar isso tão tranquilamente?". Era, se vocês quiserem, minha própria forma de admiração pela Inglaterra. E então a reação, que de algum modo eu estivera sempre esperando, veio na forma do *thatcherismo*, uma recusa a aceitar esse declínio relativo. A Guerra das Falk-

lands [Malvinas] foi sintomática. Suponho que algo desagradável deve acontecer se se é *déclassé* enquanto nação.

MC: *Parece estar ocorrendo que, enquanto na maioria da Europa, especialmente no Leste, a vida política está se tornando mais aberta, menos secreta, na Inglaterra o Estado está ampliando os limites da secretude.*

Os estrangeiros ficam completamente confusos com toda essa obsessão inglesa por espionagem. Há algo de neurótico nisso. Todos sabem que hoje em dia não há quase nada a ser mantido secreto. Talvez a palavra de fantasia "MI5" esteja lá para compensar por uma perda de poder real. No romance de espionagem inglês típico são sempre os ingleses que são inteligentes. Os americanos têm o poder, o equipamento e o dinheiro, mas são sempre os ingleses que são inteligentes.

RL: *Eu gostaria de mudar o tema para o papel dos intelectuais. Em certo momento você cita Juan Cueto Alas dizendo que os intelectuais foram defrontados tradicionalmente com três opções — autopromoção servil, pobreza nas províncias e prisão — às quais se somam hoje hoje tentações. Estas incluem a superprodução, o estrelato, a possibilidade de ganhar dinheiro e entrar em moda rapidamente. Em outras palavras, o mundo da mídia. Como você se sente enquanto um intelectual lidando com essas escolhas e perigos?*

Fui socializado em tempos muito diferentes e isso é uma grande vantagem. Realmente não invejo ninguém que está começando como intelectual *freelance* hoje. Eu me sinto relativamente, estou dizendo só relativamente, a salvo de algumas formas de ilusão da mídia, simplesmente por causa de minha formação no período pós-guerra. Sempre senti que ser um escritor e fazer a vida com escritor é extremamente precário. Eu costumava pensar: "Por que diabos estão me alimentando?". Muito estranhamente, não fui mandado para a prisão, até pagaram por meu trabalho! Essa foi a atitude com a qual comecei, e no fundo de minha mente sempre tive esquemas para ganhar a vida de outras maneiras se hovesse necessidade. Eu também tive muito medo do fantasma da emigração alemã dos anos 30. Então minha perspectiva de ser um intelectual é um pouco diferente daquela de alguém nascido durante o *boom*, o *boom* alemão ocidental. Hoje em dia, as únicas pessoas na Europa, em minha opinião, que retêm tanto a ética quanto o papel na sociedade que os intelectuais costumavam ter historicamente, são as do Leste europeu. E é por isso que a produção literária e intelectual mais interessante e mais importante hoje vem dessa parte do mundo. A poesia polonesa hoje é da melhor qualidade, com autores como Szymborska e Zagajewski. Há Brodsky, há Kunderrá, há Kolakowski, pessoas no exílio, mas para cada um deles há outros sobre os quais nós ouvimos falar muito menos, porque estão trabalhando em Praga, em Cracóvia ou mesmo em Bucareste. Essas pessoas são importantes. Elas têm uma influência muito forte sobre o curso dos eventos — são quase *decision-makers*. Vejam Kuron ou Michnik. São pessoas como nós, mas estão numa posição histórica diferente.

Em um grau menor 68 foi um momento em meu país em que senti de repente que havia uma constelação na qual os intelectuais contavam. Foi um momento em que era possível ver como as pessoas agiam. Todos eram obrigados a fazer uma escolha, ao passo que agora... Eu acho o pluralismo muito bom, é muito bom não ter uma polícia armada até os dentes na rua. Gosto do pluralismo, mas cultural e intelectualmente é uma condição muito insatisfatória. Porque uma coisa é exatamente tão boa quanto outra, é muito difícil manter os padrões. Cabe

a você mantê-los, mas se você não o fizer, provavelmente ninguém notará. No que diz respeito à cultura da Alemanha Ocidental, hoje em dia é mais ou menos o reino da mediocridade.

RL: *Você está dizendo que o conflito é uma precondição para uma cultura viva?*

Absolutamente. Veja, o momento decisivo pode chegar de surpresa. É uma questão de situação. (Sartre intitulou uma série de ensaios *Situações* — os intelectuais podem abraçar uma situação histórica, reagir a ela, explicá-la, usá-la — mas não podem certamente criá-la.) No meio tempo, tudo que podemos fazer é reter um mínimo de memória. Em épocas de estase essa é talvez a principal tarefa dos intelectuais — manter em funcionamento o banco genético da cultura, manter as opções intelectuais abertas. Algumas posturas podem parecer anacrônicas, mas você não pode nunca prever o que a próxima curva da estrada pode trazer. Mas ela pode se revelar muito útil se houver algumas pessoas que se lembram de coisas, que não jogaram fora completamente tudo que aprenderam.

MC: *Uma das questões mais interessantes que você levanta é a de como os estereótipos históricos e nacionais que as pessoas têm sobre si, como os estereótipos de um país e de uma cultura sobre si próprios são mantidos ou mudam. Algumas vezes eles são condensados em monumentos e lugares, como o Vale do Caídos perto de Madri. Mas você apresenta outros tipos de memória histórica também. Por exemplo, há uma interessante galeria de escritores e poetas que você escolheu para citar no curso de suas viagens. Há Döblin, Pessoa, Neruda, Gyula Illyés, e você termina com "Bohêmia à Beira-mar", um poema de Ingeborg Bachmann. Isso também faz parte de manter a memória histórica.*

A literatura costumava cumprir essa função, de uma memória coletiva. É uma questão aberta até que ponto ela ainda presta esse serviço. Estou bem certo de que há alguns tipos de literatura que estão mais preocupados com a liquidação de nossa memória. O contemporâneo não é tudo; estar em dia pode ser uma forma de idiotia.

RL: *Foi interessante você dizer que não se considera um jornalista, e no entanto você usou ferramentas e possibilidades jornalísticas. A maior parte do jornalismo é instantaneamente redundante, mas você está obviamente tentando construir uma espécie de processo de amadurecimento, de modo que seu trabalho sobreviva ao momento em que está sendo escrito.*

É também uma crítica implícita à literatura, da forma como ela ainda é entendida, porque em nossa cultura, pelo menos na Alemanha, temos essa forte distinção entre *beaux arts*, "literatura imaginativa", *Belletristik*, como é chamada na Alemanha, que é o romance e o poema e assim por diante, e a escrita instrumental, a literatura aplicada. Penso que isso é um absurdo. O que é o romance no fim das contas? Todas essas distinções de gênero me deixam muito impaciente. Alguns dos escritos mais importantes da última década estavam em áreas que não podem ser definidas facilmente em termos de gêneros literários. Kapuscinski e Bruce Chatwin são apenas dois exemplos de escritores que nunca respeitaram esses limites. Em minha própria tradição literária alemã há Heine, um exemplo primoroso de alguém que era em certo sentido um jornalista, mas ainda se pode ler suas reportagens hoje, porque são também literatura. Então, por que manter essa distinção?

É realmente uma idéia de editor. É o editor que quer um romance que é um romance — uma ambição muito tautológica.

MC: *O diálogo no início de "Cismas portuguesas", com o monsenhor, expressa um dos temas centrais do livro. Se você me permite citar (é o monsenhor falando): Às vezes, eu me pergunto como seria uma topografia do tempo, pois o que significa uma data no calendário? Cada região vive num tempo diferente em nosso mundo. Por que só se fala de isóbares e isotermas? Seria muito mais interessante criar linhas com as quais fosse possível interpretar por quais zonas de tempo estamos passando ao viajarmos... Linhas que mostrassem os deslocamentos e as fendas da história... Elas poderiam ser chamadas de isocronas". Afora o fato de ecoar Ernst Bloch, isso representa um outro importante aspecto da questão da sincronicidade e não-sincronicidade sobre a qual você falou. E essa idéia de andar para trás e para frente, através do tempo assim como do espaço, é muito recorrente. Por exemplo, em Varsóvia você se acha transportado de volta à Europa imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial.*

Sim, eu me interesso muito por anacronismo. Penso que somos uma colcha de retalhos de diferentes épocas. Nossas mentes estão cheias de coisas que não correspondem umas às outras na escala do tempo: tanto depósitos quanto projeções. O tema de Bloch, é claro, foi a coisa que ainda não está aqui, que você antecipa; mas em nossa imaginação isso também funciona da maneira inversa... Gosto também do paradoxo de fazer um trabalho jornalístico, que é tópico, e ao mesmo tempo sabotar essa noção de atualidade.

RL: *E também o conceito de "fatos". Foi interessante que um de seus pesquisadores americanos efetivamente o repreendeu por ser literal demais em suas transcrições.*

O que é ótimo! Há um forte elemento de ficção na obra toda. Se eu cito pessoas que não são nomeadas, então o que aparece às vezes no livro é uma fusão de coisas ditas por pessoas diferentes. Contudo, não invento. Todas as coisas ditas pelos poloneses foram ditas por poloneses. Mas crio até certo ponto e também crio meu próprio personagem.

RL: *Você não estabelece níveis, e foge à noção de que algo é importante ou obrigatório porque é dito por X ou Y, ou de que uma declaração de fato pesa mais do que algo fictício. Essas distinções são solapadas.*

Elas têm o mesmo estatuto. Isso deriva em parte de minha experiência com o que era chamado de literatura documental, que foi uma espécie de moda literária, pelo menos no continente, no final dos anos 60. Me envolvi muito com esse tipo de texto, só que eu não acreditava em seus preceitos teóricos. Não se pode nunca escapar do problema da criação, da ficcionalidade, simplesmente pondo um microfone na mesa. Essa idéia é ingênua. O resultado não é mais "autêntico" que um romance. As pessoas inventam, esquecem, embelezam, contam mentiras. O ponto de vista da testemunha ocular é apenas outra ficção. Isso é algo que eu tematizei em um livro que fiz sobre a Guerra Civil Espanhola — que nunca foi traduzido para o inglês — sobre o líder anarquista Buenaventura Durruti³. O livro é, do ponto de vista formal, pura montagem, com o acréscimo de alguns comentários que eu mesmo escrevi. Eu estava fascinado por Durruti e sua vida e ideologia, mas o livro foi realmente uma tentativa de lidar com o problema da ficcionalidade e do documento. Em minha mente a questão toda está também relacio-

(3) *O Curto Verão da Anarquia*, Cia. das Letras, 1987, tradução de Márcio Suzuki. (N. do T.)

nada com o problema da originalidade. Nunca acreditei que o autor está na origem da criação. Ele está apenas trabalhando com material fornecido por outros, sejam outros escritores ou apenas alguém que ele ouviu no metrô. Não acredito em *creatio ex nihilo*. A própria linguagem não é sua, você não a inventa.

Finalmente, no que diz respeito ao livro sobre Durruti, fiquei também contente de ter entrevistado os velhos anarquistas, que agora estão mortos. O período 1971-72 foi realmente a última oportunidade de fazê-lo, o último momento em que os sobreviventes ainda estavam presentes.

RL: *Isso é bem parte da idéia de dar voz às pessoas, de deixá-las aparecerem em suas próprias palavras.*

E o texto fica mais rico, certamente, então, afinal de contas, talvez tenha sobrado alguma coisa da literatura documental. Mas não quero fazer nenhuma grande reivindicação. Nos anos 60 se dizia que todos são escritores, e eu penso que isso é um exagero. Todos têm discurso, todos têm uma história a contar, mas isso não significa que todos sejam grandes artistas. Essa é uma teoria *kitsch*.

MC: *Se pudermos agora voltar à situação dos intelectuais na Alemanha Ocidental, Habermas tentou adotar o papel tradicional de engajamento crítico.*

Habermas e também, à sua maneira, Grass. Grass se manifesta publicamente, é um orador. Habermas não, Habermas é um filósofo, e na Alemanha um filósofo ainda conserva um vestígio de autoridade.

MC: *O que acho, em parte, é que ele adota o papel e o discurso do qual você passou a suspeitar.*

Sim. Ele age assim muito deliberadamente e muito conscientemente: O Projeto de Modernidade tem de ser completado, a idéia de Esclarecimento tem de ser defendida. Tudo isso é muito respeitável, e dadas as nossas circunstâncias é muito útil e muito necessário. Contudo, tenho a sensação de que ele talvez seja insuficientemente curioso. Ele não é muito atraído pelo imprevisível. Talvez seja demais pedir isso de um filósofo. Ele está aprisionado no espírito hegeliano. Gosta de pensar que há leis da história. Não afirmaria conhecê-las, não de uma maneira tão crua, mas isso está implícito em sua concepção do projeto moderno, que ele quer ver continuar mais ou menos como está. Também tem coisas interessantes a dizer sobre comunicação. Ele abrange tudo, filosofia, teoria da linguagem, sociologia, história política; conhece tudo, mas eu não gosto da maneira como ele se atém às coisas. O problema de se ater tão estritamente é que pode se perder algo mais importante. Pode-se acabar como a famosa estátua de Laocoon: congelada em sua luta contra velhos inimigos, numa espécie de prisão interior — enquanto por trás surgem novos monstros, novas opiniões. Para mim, o trabalho de Habermas é apenas bem definido demais. No entanto, a consistência é a força de um filósofo. Mas é também um risco. Tomemos essa idéia de um discurso universal, livre de relações de poder. Como modelo social, penso que não tem base antropológica sólida. É bem uma utopia acadêmica: a sociedade como um todo é vista como uma espécie de seminário ideal.

RL: *A idéia de que muitos intelectuais no interior da estrutura institucional das universidades e escolas são, num certo sentido, prisioneiros desses aparatos particulares parece preocupá-lo muito. Por exemplo, em seu ensaio "Uma Proposta Despretensiosa para a Proteger os Jovens da Poesia"⁴ — que inclui um*

(4) Publicado na coletânea *Mittelmass und Wahn*, Frankfurt/Main, 1988.

encontro com a mulher de um açougueiro cuja filha obteve notas baixas quando estudou um de seus poemas na escola — você censura os professores por se tornarem treinadores (drill-masters). Em vez de usarem poemas como uma maneira de desbravar as coisas, você vê a crítica ser usada como uma forma de disciplina. Você não tolera muito um certo tipo de intelectual que habita a academia.

Tenho um problema mais geral com as instituições. Admito que não posso conceber uma civilização sem instituições, mas o grau em que estamos condicionados por elas é muito chocante. Não importa qual seja a instituição, a *deformation professionnelle* é muito forte. É um produto de condições que não são mais tão compulsórias quanto eram antes. Dado o grau de mobilidade que existe hoje, ninguém pode realmente ditar o comportamento "normal", como era feito no século XIX, quando se nascia numa classe e se permanecia mais ou menos nela; se você fosse um pároco, era um pároco com tudo o que isso implicava. Mas hoje em dia a maioria de nós não está mais aprisionada por toda a vida. Há muita auto-repressão envolvida se você se torna um burocrata. Talvez em uma grande empresa ainda se peça às pessoas para usarem terno e não se divorciarem. Mas, onde mais? Na Alemanha, mesmo um professor pode se comportar do jeito que quiser. E é por isso que eu censuro os professores, não por causa de seu destino sociológico, mas por deixarem de usar o espaço, as opções, o grau de liberdade que eles na verdade têm. Isso é muito triste. Certamente, as universidades também são lugares muito perigosos para uma pessoa que pensa.

MC: *Você parece ter chegado a essa conclusão muito cedo. Presumivelmente você poderia ter ingressado na vida acadêmica.*

Nunca considere isso. É talvez uma questão de temperamento. Eu não podia permanecer mais de nove meses em um emprego ou em uma função. Simplesmente não podia. Ingressei em instituições com o objetivo de descobrir sobre elas, e sobre o que as faz funcionarem. Fiz isso deliberadamente. Trabalhei em publicidade, no rádio, na televisão, porque se você não conhece seus truques, eles podem lhe dizer, e dizem, que tudo é um grande mistério. A verdade é que é possível aprender a maior parte dessas coisas em quatro semanas. Você pode se tornar um gerente de banco, se essa for sua ambição, em quatro semanas. Não há nada de misterioso nisso. A maioria das associações e territórios que os profissionais se esforçam em construir para si é pouco relevante. Há exceções, um médico realmente tem de saber alguma coisa, mas não me digam que ocorre o mesmo para um gerente de banco. Isso é um absurdo! Com três meses de aprendizado, uma pessoa poderia dirigir o serviço internacional da BBC. Faz parte do jogo de poder excluir e criar essas habilitações.

MC: *O projeto com o editor Greno não é como essas explorações anteriores das atividades da mídia. Qual é o objetivo das séries que você faz com ele?*

Bem, de certa forma ele é muito excêntrico. Antes de mais nada, acho que é um anacronismo completo. Gosto da maneira como os livros eram feitos. A habilidade envolvida na impressão, a arte de imprimir, foi adquirida durante quatro ou cinco séculos. E agora está sendo arruinada e substituída impiedosamente por uma tecnologia mais nova que pode acabar sendo igualmente maravilhosa mas que ainda não teve tempo de amadurecer. Imagino se com a ênfase na redução de preço e todas as outras pressões econômicas ela chegará a adquirir o grau de sofisticação que a impressão desenvolveu historicamente. Essa era uma coisa da qual eu me queixava em público, reclamando dos editores por produzirem esses obje-

tos descartáveis que eles chamam de livros. Então, um dia um certo Sr. Greno me abordou e disse: "Eu tenho uma oficina, a única oficina na Alemanha capaz de produzir livros da maneira que você quer que eles sejam produzidos, mas não sei exatamente o que produzir, portanto, você se interessaria em publicar um volume por mês em uma série que pode chamar como quiser e que você mesmo pode definir?". Assim, durante cinco anos, publicamos um livro por mês nessa série denominada *The Other Library*. Sua lógica só se tornará evidente a longo prazo. À primeira vista ela parece uma coleção dos favoritos de Enzensberger — e se os livros que eu quero não existem eu tento achar alguém que os escreva para mim. Eu sou meu próprio avaliador. Se encontro algo interessante, penso que deve haver alguns milhares de outras pessoas por aí que também achariam interessante — e até agora funcionou de uma maneira impressionante. O primeiro volume foi um clássico grego, Luciano, um satirista grego. Vendeu 19.000 cópias, e o mercado ficou completamente maravilhado com esse sucesso. Mas eu faço livros novos, livros velhos, não me interessa se são novos ou velhos, não interessa se são estrangeiros ou alemães, ou se são ou não romances. Eles têm de ter uma meia-vida longa, não deveriam ser muito perecíveis — mas meu parceiro nesse projeto é um aventureiro, e então agora nós estamos enfrentando uma crise econômica.

RL: *Porque se saíram bem demais?*

Ele se envolveu em outras atividades e fez muitas outras coisas. Começou uma série de livros de capa mole, fez enormes livros de figuras (*coffee-table books*), e agora está diante da bancarrota. De modo que eu tenho a infeliz tarefa de me comportar como um gerente. Tenho de lidar com aquisições de direitos e falar com contadores, porque quero passar a série para algum outro editor. É muito aborrecido tratar com bancos e com tanto dinheiro.

MC: *O lançamento e o sucesso do romance de Christoph Ransmayr, The Last World, foi uma experiência interessante?*

Nós fomos apanhados desprevenidos. Ninguém esperava isso, porque, de novo, ele é realmente um livro muito difícil, por isso ninguém entende porque vendeu 150.000 exemplares. Esses são os mistérios do comércio. O sucesso não está aqui nem ali. O melhor a fazer é esquecer. Mas produzir a série é uma coisa prazerosa porque é uma aventura, e por causa do jeito como trabalhamos. Não vou ao escritório, trabalho em casa. Faço-o por telefone, por fax, recebo pessoas. Não preciso ter um escritório. Nossa operação é mínima. Há um outro companheiro em Frankfurt que faz a edição, e a impressão é feita em uma pequena cidade na Baviera. Não precisamos de uma recepcionista, uma diretoria ou qualquer coisa parecida. É melhor dismantelar todas essas coisas.

RL: *Você usa um computador?*

Não, pessoalmente não uso um computador, porque escrevo muito pouco e acho útil escrever à maneira antiga. Eu mesmo bato meu texto. Escrevo, reviso e então bato, e ao batê-lo, tudo muda. Pode-se aumentar a velocidade com o computador, mas velocidade não é o meu problema. Veja, se você insiste em fazer carros artesanais, não há necessidade real de uma esteira. Posso trabalhar sem desperdício de tecnologia.

RL: *Da leitura de A Outra Europa fica-se com a sensação de que o papel do Estado está mudando, pelo menos em alguns países europeus.*

Acho que está diminuindo. Embora eu não dissesse isso da Inglaterra, é verdade no caso da Alemanha. Na Alemanha, no passado, e não só durante o período nazista, se alguém entrasse em um recinto e dissesse que era ministro disso ou daquilo, ou general, ou diretor de alguma empresa ou conselheiro de Estado, todos ficariam congelados. Ele seria considerado de fato uma pessoa muito importante. Hoje em dia ele é apenas mais uma pessoa, e o homem que possui um par de supermercados não se consideraria inferior. Auspiciosamente, esse é um sinal da degeneração do governo em administração.

RL: Você parece ter uma atitude ambígua em relação a esse processo. No texto sobre a Suécia você lamenta o fato de que os suecos sejam tão burocráticos em relação a sua Constituição, o fato de eles não terem uma dimensão simbólica para sua vida nacional. Ao mesmo tempo, você gosta da simplicidade, da maneira como as pessoas têm a mesma aparência, sejam ministros ou não. Esse não é um paradoxo?

Politicamente, eu poderia falar muito sobre o tipo medíocre de governo que está enraizado em minha mente pela cidade de Bonn. Ele é o próprio paradigma de um governo que perdeu a aura. Mas acho que quanto mais se puder realmente ignorar as estruturas estatais, mais a sociedade precisará de outras maneiras de expressar sua memória coletiva e a identidade de um lugar. Tais símbolos não precisam pertencer ao Estado. Na Baviera, por exemplo, o palácio do primeiro-ministro é muito menos importante do que o *biergarten*. Se se acabasse com o *biergarten* e suas cerimônias, isso seria um golpe muito sério. Soa como uma piada, mas não é. Basta imaginar Londres sem seus *pubs* e parques! Nós precisamos de lugares e coisas para nos reconhecermos neles.

O conceito de sociedade civil, que se tornou tão vital para o debate no Leste europeu, continuará a ganhar importância. Mas vejo também sinais de desenvolvimentos similares em nossa própria — muito medíocre — sociedade na Alemanha Ocidental. Me espanta a extensão em que as pessoas reivindicam direitos. Não é possível, por exemplo, construir uma fábrica que provavelmente envolverá riscos ecológicos sem encontrar oposição. Não há maneira de evitar ter de lidar com os cidadãos que moram no lugar. Eles podem não ser as pessoas mais esclarecidas em questões nacionais ou internacionais, mas esse desenvolvimento contém o núcleo de uma sociedade autogovernada, ou ao menos alguns elementos dela.

Na Baviera houve uma tentativa de construir uma fábrica de reprocessamento nuclear em Wackersdorf. Era um projeto de muitos bilhões de dólares em uma floresta distante, próxima da fronteira tcheca. O governo bávaro pôs todos os seus recursos no projeto. Houve enormes manifestações, de até duzentas mil pessoas, em Wackersdorf, em mais de uma ocasião, e a polícia foi muito rude. Foram trazidas tropas e tanques. Mas no fim a resistência tornou impossível construir a fábrica, a despeito de o partido do governo [a União Social Cristã] ter uma maioria de 60% ou 62% no parlamento estadual, e a despeito do apoio das agências federais. Foi uma coisa que me deixou muito emocionado, um embate frontal entre a população e o Estado. E o Estado perdeu. Dado o contexto da Baviera, foi realmente quase inacreditável. Eles investiram cerca de três bilhões de marcos no projeto e agora ele foi abandonado.

RL: Em sua opinião o Estado está sendo erodido, mas o que está agora originando os novos mitos? Os movimentos sociais?

Eu não idealizo o processo, porque penso que o que está envolvido muito

frequentemente é simplesmente o auto-interesse organizado. O auto-interesse pode ser esclarecido ou não. Pode ter vários desdobramentos. Não estou prevendo um novo tipo de utopia. Mas para a Alemanha isso é muitíssimo positivo, porque historicamente tivemos uma fixação muito forte no poder estatal. Essa mudança não se deve apenas a uma repentina conversão por parte do povo alemão. Tem mais a ver com formas avançadas de produção. Tem de haver uma base econômica para tudo isso. Existe um grau de riqueza social sem precedentes, uma força de trabalho altamente móvel e flexível, uma economia cada vez mais dependente de redes complexas. Os setores primário e secundário estão perdendo importância. O taylorismo está ultrapassado, e as estruturas hierárquicas não podem dar conta de um ambiente econômico que muda rapidamente. Eis por que o mau hábito — do ponto de vista do governo — da democracia se popularizou e transformou a rua de mão única do governo. Agora há um enorme debate ocorrendo na sociedade. Há uma iniciativa dos moradores no distrito de Munique, onde eu moro; e em um encontro que ela promoveu, houve um debate acalorado sobre um projeto de rodovia, e o encontro votou contra o projeto. Pela lei o conselho da cidade tem de considerar esse voto. Teoricamente ele poderia contrariá-lo, mas isso poderia custar um preço alto. Sou muito favorável ao federalismo. Há muitas razões para apoiá-lo, porque, apesar de soar muito grandioso, uma maneira de dividir o poder do Estado é dividi-lo regional e localmente.

MC: Contudo, os movimentos sociais sobre os quais as pessoas falavam tanto no início dos anos 80 parecem realmente ter retrocedido.

Eles se dissolveram, mas também se generalizaram, tornaram-se parte da vida cotidiana. Há menos confrontação aberta, menos manchetes. Entretanto, eu tenho um sítio no campo, no sul da Baviera, que realmente era a província das províncias, e agora na pequena cidade vizinha há uma loja de comida ecológica, uma loja de artigos do Terceiro Mundo e até uma iniciativa lésbica. Vinte anos atrás isso pareceria simplesmente louco, inconcebível. De modo que os movimentos sociais se dispersaram por toda a sociedade. Mas quando surge uma questão, como a fábrica de reprocessamento em Wackersdorf, a oposição se cristaliza em torno dela. Ocorrem manifestações nacionais e as pessoas viajam centenas de milhas para se manifestarem.

RL: Talvez seja preciso haver Estado para que haja movimentos sociais?

Isso é verdade, e ainda temos Estado demais. Por outro lado, pode haver situações históricas nas quais seja necessário uma política externa. Se amanhã os tanques ocuparem as ruas na Alemanha Oriental, será necessário lidar de alguma maneira com essa situação, e isso não pode ser feito em nível local ou regional. Acontece que nossos governos estão também erodidos no sentido de que são conceitualmente incapazes de responder a tais desafios, de modo que a sociedade tem de encampar também essa responsabilidade, o processo de reflexão. Até onde posso ver, o governo não é capaz de dar conta disso. Não porque seus membros sejam todos tolos, embora alguns deles sejam, mas porque trabalham numa escala de tempo de dois/três anos — ou seja, até a próxima eleição. Seu raciocínio está confinado nesse limite. Eles não podem raciocinar à frente. Então, quem pode assumir essa tarefa? Não penso que os intelectuais possam fazê-lo. Idealmente, um número muito grande de pessoas pode criar uma espécie de laboratório invisível. Talvez vocês me acusem de ser loucamente otimista, mas eu estou apenas apontando uma tendência que está aí. É quase como um processo geológico.

RL: *Me interessa essa referência à geologia. Você parece estar substituindo a metáfora da sociedade como uma máquina por imagens tomadas da geologia, da geografia ou da matemática recente (o fractal, por exemplo).*

Pode haver um elemento de *wishful thinking* nisso. Mas no fim das contas é preciso abrir o jogo. Eu parto da idéia de que as sociedades não são, em princípio, incapazes de auto-organização. É uma bela idéia.

MC: *Penso que a fraqueza, digamos, do governo da Alemanha Ocidental, que você aponta, pode ser vista como uma convergência com o que foi durante muito tempo o caso da Itália, a combinação de força econômica e fraqueza política. Na Inglaterra, talvez, as pessoas realmente não notaram isso ou acham muito difícil de acreditar. Os redatores dos principais jornais estão sempre esperando que a Alemanha Ocidental finalmente use seu poder econômico mais agressivamente e efetivamente com fins políticos. Ficam à espera de que esse poder seja exercido, mas estão esperando há anos e isso não acontece.*

Sim, há um paradoxo, o paradoxo da eficiência. Os alemães são preguiçosos, mimados, só pensam em seu tempo de lazer, e contudo a economia está explodindo. Não consigo entender por quê! A ética do trabalho não é mais o que era, e isso tem aspectos muito positivos. Acho isso muito bom. Entretanto, há a questão da corrupção, que também ganhou dimensões sem precedentes. Não se pode esperar que os alemães se tornem italianos, mas há coisas sobre as quais não ouvíamos antes e que agora são ocorrências cotidianas — funcionários recebendo propinas, por exemplo.

MC: *Mas eu acho que, de fato, por trás do que você está dizendo se esconde uma noção historicamente falsa de como era a burocracia alemã — ou prussiana. Suspeito que os seus escritórios estavam sempre abertos ao público somente nos tempos difíceis — o que na verdade era uma marca de seu poder. Penso também, mesmo em 1880, digamos, que havia funcionários querendo ser subornados. É uma questão de imagem.*

Não tenho tanta certeza. Sempre há corrupção em qualquer sociedade dada, mas ela funcionava de maneira diferente, nos clubes e nesse tipo de meio. Na Alemanha não se podia abordar um funcionário e entregar a ele um envelope. Quem fizesse isso seria preso. Mas agora alguém que precise estender o prazo de sua licença de trabalho faz exatamente isso. Houve muitos escândalos relacionados com isso e com contratos de construção. É uma coisa ambígua, esse relaxamento de velhos tabus.

Tenho um vizinho no campo na Baixa Baviera, um fazendeiro. Ele fala um dialeto que é muito incompreensível, e contudo esse homem foi à Arábia Saudita. Foi porque é uma das pouquíssimas pessoas no mundo que se especializou em criar pavões brancos. Não sei como, mas ele descobriu um mercado para eles em Jedá. É preciso ser alemão para sentir o que isso significa. Pessoas como ele nunca foram nem mesmo à cidade. Me sinto tentado a usar uma palavra execrável para descrever isso — o que temos aqui é uma atitude pós-moderna exibida por um fazendeiro baixo-bávaro.

MC: *Finalmente, o que você pensa da situação na Alemanha Oriental?*

Certamente o regime não pode durar. Perdeu a credibilidade e é escandalosamente incompetente. O tempo está escoando, e as reformas que poderiam ter dado certo três anos atrás podem se revelar, agora, insuficientes. Mas penso que

seria equivocado ver as coisas em termos da assim chamada Questão Alemã. A RDA é apenas parte do cadinho leste-europeu — a emergência de sociedades pós-comunistas. Não há como saber o que resultará dele, mas estou razoavelmente certo de que não será a reconstituição do Reich (que é o real significado do termo "reunificação"). Ninguém em seu juízo perfeito quer outro Reich. Como nas crises históricas mais importantes, os riscos são altos, especialmente no que diz respeito à União Soviética. Mas não vamos esquecer que as sociedades a leste do Elba passaram, por sua conta, por uma experiência política profunda. Talvez algo realmente novo surja de lá. Novas possibilidades, novos perigos e algumas poucas coisas com as quais nós do Ocidente há muito tempo deixamos de sonhar. Até agora, a resposta dos políticos em Bruxelas, Londres, Paris e Bonn, sem falar de Washington, foi paternalista e complacente. Se é só isso o que temos a oferecer, a perspectiva de longo prazo para a Europa não parece muito promissora.

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 27, julho de 1990
pp. 29-44
